

Missão do BB negociará nos EUA dívida com Dart

CORREIO BRAZILENSE

21 ABR 1994

Leonardo Attuch

Na próxima segunda-feira, o Banco do Brasil envia uma delegação a Nova Iorque para negociar com o investidor norte-americano Kenneth Dart. Os dois vão tratar dos créditos que têm contra o setor público brasileiro e que ficaram de fora do acordo da dívida externa por escolha própria, no caso de Dart, e por estratégia do governo, do lado do BB. Se Dart ficasse sozinho com os títulos da dívida antiga, o governo brasileiro poderia ser acionado na Justiça, com possibilidade até de arresto das reservas externas.

Ontem, o Banco Central começou a vender a idéia de que a saída do BB do acordo foi uma iniciativa voluntária da instituição, em vez de uma decisão governamental. "O BB apenas nos

passou um telex comunicando sua decisão", disse o presidente do BC, Pedro Malan. O presidente do BB, Alcir Calliari, saiu em direção oposta. "Nós estamos ajudando o governo, o que não significa nenhum prejuízo próprio, pois nós saberemos preservar os interesses do banco", disse ele. Malan afirmou que o BB não terá tratamento privilegiado, mas também não será "desfavorecido". O Banco Central quer evitar que se configure uma manobra do governo brasileiro, o que poderia ser um trunfo nas mãos de Dart.

Malan disse que o Banco Central está em compasso de espera. "A bola está com Dart e nosso próximo movimento dependerá dele", afirmou. O presidente do Banco Central reconheceu que o problema com Dart retarda a idéia de diversificar a aplicação das divisas, hoje depositadas em

um banco suíço, a um rendimento baixo, mas livres de arresto judicial. "Essa situação nos obriga a tomar algumas precauções", disse ele.

Malan espera resolver a pendência com Dart e com o BB antes do dia 15 de setembro, quando ocorre o próximo pagamento de juros do acordo antigo. Esses pagamentos não vinham sendo honrados integralmente pelo Banco Central. Deverá ser feito um novo acerto, exclusivo para Dart e para o BB, mas Malan não adiantou em que condições. O chefe do Departamento da Dívida Externa do BC, Sérgio Rufoni, disse apenas que não será feita nenhuma concessão ao norte-americano. "Ninguém, em sua consciência, fecharia um acordo com 750 credores para depois beneficiar um outro que tenha ficado de fora", disse ele.